

O SISTEMA HIDRÁULICO DO VALE DO HUECHA SOB O DOMÍNIO DO MOSTEIRO DE VERUELA (ARAGÃO)

por

Simonne Teixeira*

Resumo: A presente comunicação faz parte de um projecto mais amplo (tese de doutoramento) cujo objectivo é o estudo do espaço rural andaluz no alto vale do Huecha (Aragão — prov. Zaragoza), sob o domínio do Mosteiro de Veruela. A reorganização espacial empreendida por este mosteiro produz uma profunda modificação no espaço originário «andalusí». A documentação dos séculos XII e XIII, contrastada com um trabalho de prospecção hidráulica, permitiu a realização desta análise espacial.

Palavras-chave: Cister. Al-Andalus. Hidráulica.

Este trabalho é parte de uma tese de doutoramento que actualmente desenvolvemos sobre o domínio do Mosteiro de Veruela no vale do Huecha (séculos XII-XIII), sob a orientação do Dr. Miquel Barceló, catedrático da Universitat Autònoma de Barcelona. O presente artigo pretende ser uma pequena contribuição ao estudo dos espaços irrigados andaluzes desenvolvidos nos últimos anos, sobretudo nas regiões sul e sudeste da Espanha e Ilha de Malhorca. Pretende ser também uma contribuição, um pequeno grão de areia, no imenso deserto historiográfico que é a “Marca Superior de Al-Andalus”¹.

Aquando da conquista árabe-berbere um considerável contingente árabe instala-se por todo o vale do Ebro, sobrepondo-se à população local. Este grupo de recém-chegados, composto basicamente de árabes do sul (iemenitas), põe em

* Universitat Autònoma de Barcelona. Pede-se indulgência do leitor para com o português, necessariamente não muito perfeito, da autora, apesar de muito corrigido pelo coordenador das Actas.

¹ Na realidade este deserto vê-se, desde há alguns anos, cada dia menos árido. M. J. Vigueira, C. Esco, P. Senac entre outros têm aberto passo a novas caravanas.

marcha um processo produtivo até então sem precedentes². Disciplinando os escassos recursos hídricos de tão caprichoso rio, estes vão construir um amplo sistema de irrigação que permitirá a consolidação da agricultura associada a uma ganaderia doméstica.

Em 1119, Afonso I, “El Batalhador”, reconquista Tudela e com esta praça-forte caem todas as terras do chamado “Somontano del Moncayo”. A população andaluza na sua maioria permanece. Navarros, castelhanos e aragoneses dão prossecução a uma acirrada luta entre si para estabelecer os novos limites fronteiriços. Sendo a colonização cristã muito difícil por estes tempos, a permanência da população muçulmana garante o seguimento das actividades produtivas³.

O assentamento do mosteiro de Veruela em 1146, é uma consequência do processo de conquista que vem, sem dúvida, atender à necessidade de reordenar um espaço rural originalmente andaluz como também desenvolver meios, desde o seu ponto de vista, eficientes de controle da produção e captação de rendas, visando a nova ordem que se impõe: a feudal.

1. O MOSTEIRO DE VERUELA

No ano de 1146, Pedro de Atarés, senhor de Borja, doa os territórios de Maderuela e Veruela, situados na zona alta do vale do Huecha, aos monges cistercienses da abadia de Scala Dei, afim de que aí instalassem um novo cenóbio⁴. Em 1171, quando definitivamente se instalam os primeiros monges, já são senhores de um vasto território que se estende muito além do território inicial, assim como da fronteira de Aragão. Esta expansão deve-se em primeiro lugar ao grande volume de doações que recebem os monges, como também à iniciativa organizativa destes que, através de algumas compras e de outras tantas trocas de propriedade, logram concentrar e compactar os seus domínios e desmontar o desenho espacial previamente existente.

² Viguera, M.J. 1988 – pp. 21.

³ É certo que muitos andaluzes foram-se “*a terra de moros*” conforme um documento de 1137, que trata da doação da herdade que foi de Alface Avohaliu (Al-Fa Abu-Halid) em Vera de Moncayo (A.H.N. Códice 995-B. fl.21 e 21’). Guy Liauzu já advertiu para a permanência de um número significativo de andaluzes, sobretudo no meio rural aragonês (1968 – pp. 200). M.L. Ledesma Rubio, analisa o censo de 1495 das Cortes de Tarazona como indicadores desta permanência: em Tarazona 4,6% da população é moura, em Borja este índice alcança os 25% (1979).

⁴ A.H.N. Códice 995-B. fl.14 “*facio hanc cartam donationis et confirmatione is uobis abbati Scale Dei et monachis eius secundum ordinem beati Benedicti viventibus. Plascuit mihi libenti animo et spontanea uoluntate pro amore Dei et parentum meorum dare Berolam total et integram cultam et incultam cum aquis et pascuis intratibus et exitibus ut habeatis illam liberam et ingenuam tam vos quam successores vestri per infinita secula seculorum, amen. Et Maderolam similiter*”...

Quando os monges chegaram a Veruela — ou Berola, segundo a documentação latina do século XII — não tardaram muito a querer estender os seus domínios pelos territórios contíguos de Trahit e Bera⁵. Ambas eram vilas reais dependentes de senhores de Borja e Tarazona: Bera dependia de Pedro de Atarés, o mesmo que havia feito a primeira doação ao mosteiro, enquanto Trahit tinha laços de dependência mais complexos.

Este território dependia em partes iguais a dois senhores, a saber: Petrus de Sancta Cruce, senhor em Borja, e Fortum Aznarez, senhor em Tarazona, que designaram Petro de Balmazan, também senhor em Borja, como lugar-tenente.

Já havendo demonstrado interesses por esta área⁶, em 1155 Ramóm Berenguer IV, doa aos cistercienses de Veruela o castelo de Montfort e todo o território correspondente, incluindo os vales de Morca, Sezeron e Figerola⁷. Posteriormente, em um documento sem data, os senhores do lugar, os já mencionados Fortum Aznarez e Petrus de Sancta Cruce, vendem por 470 morabitanos⁸, "*Trahit quod uocatur Montforte*" incluindo castelo e vila, com os vales de Morca, Sezeron e Figerolas.

Uma vez adquiridos os direitos senhoriais sobre esta área intensificam-se as doações a favor do mosteiro assim como as compras que faz o mesmo sobretudo na segunda metade do século XII. Uma das mais importantes doações é a que fazem vários proprietários de uma vez — doze no total — todos eles vizinhos de Trahit, de todas as suas herdades⁹. Trahit desta forma converte-se em uma granja cisterciense, muito vantajosa para os monges, não apenas porque se tratava de um terreno fértil, irrigado e com um moinho, mas também pela proximidade com o cenóbio que por esta data se contruía. Por fim, em 1162 se vêem livre do pago de dízimos e primícias ao bispado de Tarazona em troca de 300 ovelhas com os seus carneiros nos lugares de Vera, Vilamayor e Trahit, locais estes pertencentes ao mosteiro¹⁰.

⁵ Bera é a forma em que aparece Vera de Moncayo, na documentação medieval.

⁶ Os monges compram peças, horta e casas (1146-1147). A.H.N. Códice 995-B. fl. 20. A.H.N. Códice 995-B. fl. 37' e 38.

⁷ A.H.N. Códice 995-B. fl. 36 "*offerro, concedo et dono Omnipotento Deo et Beate Marie berolensi, ipsum castrum quod dicitur Montfort cum omnibus existentibus*"...

⁸ Trata-se de um documento complexo onde os senhores de Trahit doam o castelo ao mesmo tempo que vendem o direito sobre o mesmo e sobre a vila; "*...damus Trahit quoduocatur Montfort. Et insuper uendimus per .CCCCis. et .LXX.morabetinos totem villam et castrum cum vallem Morcha et Sezeron et Figerola*".

A.H.N. Código 995-B. fl. 36 e 36'.

⁹ A.H.N. Códice 995-B. fl. 36'.

¹⁰ A.H.N. Códice 995-B. fl. 2.

2. AS FONTES

A ausência de descrições árabes para este vale não chega a ser novidade na História de Al-Andalus, por isso o silêncio de geógrafos e viajantes árabes como Al-Udri e Rasis que descrevem a Marca Superior de Al-Andalus (*al-tagr al-ac là*), para a zona que abarca nosso trabalho, não deve ser interpretado como um vazio geográfico. Por outro lado, até à chegada dos monges ciestercienses, são extremamente parcimoniosos os documentos sobre esta zona conquistada e passível de colonização. Portanto, a documentação por nós utilizada é absolutamente cristã e está toda ela produzida pelo próprio mosteiro nos séculos XII e primeira metade do XIII. Trata-se basicamente de documentos de compra e venda, doações ou acordos litigiosos entre os monges e outros senhores e de privilégios eclesiásticos e reais. Esta documentação não alude aos processos de trabalho, às tributações impostas à população local, aos tamanhos dos campos, aos instrumentos agrícolas utilizados e nem ao nível de participação do mosteiro ou população local no processo produtivo.

São de sobra conhecidas as discussões sobre os limites das fontes documentais, seja pelo que silenciam, seja por sua parcialidade. É no limbo desta limitação que se torna necessário um trabalho de prospecção da arqueologia hidráulica, que permita testar as informações oferecidas pelas fontes escritas¹¹. Somente a confrontação das informações contidas na documentação e dos trabalhos realizados directamente sobre o terreno nos permite reconstruir a paisagem rural em questão, de nós tão distanciada no tempo¹².

3. O ESPAÇO RURAL

3.1. A paisagem actual

O rio Huecha, artéria do vale que tem o mesmo nome e suporte geográfico de nosso trabalho, é um dos cursos naturais que recolhe as águas provenientes do Moncayo — principal maciço do Sistema Ibérico — na encosta aragonesa, que depois de percorrer 51 km de extensão, verte as suas águas no rio Ebro. Neste trajecto o desnível entre a nascente a 1.000m de altitude e a desembocadura a apenas 239m, é notável.

Os longos canais de irrigação existentes no vale, justificam-se a partir do regime hídrico próprio do vale. O rio Huecha possui um leito extremamente

¹¹ Barceló, M. 1988 – pp. 73 e ss.

¹² Um recentíssimo artigo elaborado por H. Kirchner e C. Navarro, reúne uma série de questões fundamentais da prática da Arqueologia Hidráulica (1993).

permeável, o que permite uma absorção total das águas, fazendo com que estas percorram o seu curso natural através do lençol freático. Apenas no tramo mais alto do vale e em algum pequeno tramo do percurso, quando já alcança a depressão do Ebro, é que as águas correm sobre a superfície do leito do rio. Estas águas absorvidas reaparecem ao longo do curso natural em forma de fontes que são na sua totalidade aproveitadas para a irrigação.

Devido a esta marcante característica, os canais de irrigação funcionam como rios artificiais, atingindo grandes longitudes e transportando um considerável volume de água. Com efeito, as populações locais denominam de rios estes grandes canais de irrigação — Rio de Morana, Rio das Covas, Rio Sorban, etc. Mateu Bellés já chamou a atenção sobre o papel dos canais de irrigação enquanto redes de distribuição de água, em contraposição à rede natural, que constituem os rios e barrancos, de concentração de água¹³. No caso do rio Huecha o elemento de distribuição torna-se fundamental, porque sem ele não seria possível pôr em prática nenhuma actividade agrária irrigada em grande parte do vale.

Na cabeceira do vale, encontra-se Añón, que desde 1140 havia sido entregue à Ordem do Hospital pelo bispo de Tarazona¹⁴. Provavelmente tratava-se de uma alqueria, e a sua localização sobre um monte no interior do vale, faz com que pensemos que estivesse fortificada. Na realidade o lugarejo actual assenta sobre uma enorme fortaleza — provavelmente a templária — que pode ter suas origens no período andaluz.

Descendo o rio numa direcção sul-norte, destaca-se à direita uma colina onde assenta Alcalá de Moncayo. Neste tramo o rio ganha mais largura, devido às fortes enxurradas da primavera. A escassos 1,5 km na margem esquerda encontra-se o moinho de Train, no extremo de um pequeno monte alongado. A esta altura o leito seco do Huecha desvia-se algo mais para nordeste, onde se estreita mais o vale, flanqueado por montes de alguma elevação, para alcançar a aldeia de Bulbunte. Por detrás dos montes que se alçam à esquerda neste tramo, encontra-se uma extensão de terras mais planas onde se encontram o mosteiro de Veruela e algo mais a norte, o povoado de Vera de Moncayo. (Fig.1).

3.2. A paisagem medieval: o território, a fortaleza e as aldeias

Este trabalho limitar-se-á ao actual termo municipal de Alcalá de Moncayo,

¹³ Mateu Bellés, J. 1989 – pp. 165.

¹⁴ Ledesma Rubio, M.J. s/data – pp. 128.

que corresponde aproximadamente ao território de Trahit no Século XII¹⁵. A documentação cristã oferece-nos três topónimos para esta zona, a saber: Trahit, Montforte e Sesedon. Nenhum deles tem uma origem árabe, assim como os territórios que lhes fazem fronteira, como Añón e Ambel, o que nos induz a pensar numa estrutura de povoamento anterior à conquista árabe-berbere.

Pensamos que Trahit seja o território adjudicado a uma fortaleza com dois núcleos de povoação associados – denominados Trahit e Montfort – e seus espaços irrigados contíguos. Esta fortaleza a que a documentação monástica nesta primeira centúria alude como Montfort, seria um recinto murado poligonal que assentaria no alto da colina aproveitando as rochas que afloram no cume e onde hoje assenta a povoação de Alcalá de Moncayo. A área interior deste recinto murado poderia medir aproximadamente 4.500 m² e ainda podem ser identificados os restos deste muro, embora atualmente sejam muito confusos devido às inúmeras reparações a que foram submetidos, sobretudo durante os conflitos fronteiriços com os reinos cristãos de Navarra e Castela. (Fig.2).

O núcleo da povoação encontrar-se-ia sob o actual, ocupando a encosta leste e possivelmente parte do recinto amuralhado, protegido assim do inclemente vento – *cierzo* – que assola toda esta região vários meses durante o ano. Contíguos ao assentamento humano encontram-se os espaços irrigados. Este dispositivo espacial composto por uma fortificação, o lugar de residência e adjacente a este um espaço irrigado, coincide com as descrições que fazem Pierre Guichard e Andre Bazzana para os inúmeros assentamentos por eles estudados no levante peninsular¹⁶.

Quanto ao carácter desta fortificação é muito difícil de conhecer. O nome actual de Alcalá aparece pela primeira vez em 1203¹⁷, como delimitação de um “*agrum*” é doado ao mosteiro em Sesedon. Posteriormente um documento real de Jayme I, concede direitos de pasto e lenha ao mosteiro, “*concedimus et assignamus in deuesa sive pascuis bestiarum sive bouuum grangie de Trahit totum illum locum sicut est usque grangiam et usque ad podium d’ Alchala*”¹⁸. E finalmente quando o mosteiro decide incidir sobre a organização espacial existente e proceder ao arranjo que perdura até aos nossos dias, torna-se definitivamente Alcalá. Isto sucede em 1238 e coincide com a concessão da “*carta puebla*”¹⁹.

¹⁵ Em 1148 os povoadores de Ambele e o comendador do Templo de uma parte, e os povoadores de Trahit e Petro de Balmazan de outra, assinam um acordo de delimitação dos dois territórios. A.H.N. Códice 995-B. fl. 36.

¹⁶ Bazzana, A; Cressier, P; Guichard, P. 1988.

¹⁷ A.H.N. Códice 995-B. fl. 39’.

¹⁸ A.H.N. CÓDICE 995-B. fl. 16’ e 17.

¹⁹ A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3779, perg. 14. A “*Carta Puebla*” se encontra total ou parcialmente publicada em diversos trabalhos, sendo o mais recente o de Ledesma (1991). “*damos a poblar un pueyo nostro que y es clamado Alcala, en termino de Trahit, en aquella part que y es dita Cessadon*”...

Portanto, anteriormente ao ano de 1203 não consta uma só vez o nome de Alcalá, assim como posteriormente ao ano de 1238 o toponimo Montfort desaparece por completo.

Sabemos que o termo Alcalá (*palca*) aparece mencionado nas fontes árabes relacionado com fortificações associadas aos primeiros conquistadores, e que tende a perder a sua função originária. A aparição de *husun* parece ser posterior e relacionada às comunidades camponesas servindo sobretudo de refúgio²⁰.

No caso que nos concerne, a evolução do topónimo na documentação verolense não nos permite desvendar, portanto, o carácter essencial desta fortificação. O nome Alcalá tem um aparecimento tardio, frente a um termo latino — Montfort — que de certo modo parece consolidado na documentação monástica. Porém, não podemos esquecer que os documentos são parciais, e ainda que os conquistadores usassem nos seus documentos o termo cristão, a população andaluza que permanece poderia continuar o termo árabe. Preferimos pensar que, ao tempo da conquista, o carácter de fortaleza já tinha desaparecido, cumprindo agora o papel de *hisn*, isto é, de refúgio da população camponesa.

Trahit, além de ser o nome genérico de todo este território, seria uma pequena alqueria situada águas abaixo do lugar de Montfort onde, como referimos anteriormente, se encontra actualmente um moinho²¹. O casario do moinho encontra-se associado a um espaço irrigado e não é possível identificar restos arqueológicos que pudessem referir-se ao habitat, nem nas ladeiras do monte onde se encontra o moinho, nem em uma ladeira próxima chamada “*El Villar*”, onde se pode encontrar algum resto de tijolos e telhas muito pouco significativos. Actualmente toda esta parte pertence ao município de Vera de Moncayo e provavelmente foi incorporada neste município na desamortização dos cistercienses em 1834. Quando os monges de Veruela decidiram deslocar a população de Trahit e concentrá-la no lugar de Alcalá, guardaram para si o moinho e as terras irrigadas incorporando-os no território de Veruela²². Com a desmortização o que correspondia a Veruela passa integralmente ao município de Vera de Moncayo, perdendo Alcalá os direitos sobre este terreno.

Por último está Sesedon ou Ceseron que nas fontes documentais aparece estritamente associado a Montfort. Sabemos que havia uma zona de bosque ou de “*mata*”²³ e que também possuía terrenos cultivados²⁴. A denominação actual — Cizadón — numa zona periférica da povoação leva-nos a crer que, no século XII,

²⁰ Acién Almansa, M. 1989 – pp. 137–150.

²¹ A.H.N. Códice 995-B. fl. 37 e 37'. A.H.N. Códice 995-B.fl. 39.

²² “*Carta Puebla*”, nota 18.

²³ A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg.4 “*ex parte occjdentis peçam correyos et matam de Cizadon*”...

²⁴ A.H.N. Códice 995-B. fl. 20'. A.H.N. Códice 995-B. fl. 37'.

se tratasse de um arrabalde de Montfort. O documento que nos parece mais importante é uma licença dada por Jayme I, para que Veruela possa povoar o lugar de “Ceseron” (“...de concessione nostra et licenciam speciali, positis et liceat vobis populare locum illum qui dicitur Cezeron, et ibi villam facere et adducere gentes ad populadam eam de quibuscunque locis volueritis et potueritis undecumque quem locum cum fuerit populatus...”)²⁵, o que, sem dúvida, se fará concentrando a população que se encontrava dispersa.

3.3. Os espaços irrigados

A confrontação entre a informação documental e a prospecção permitiu não apenas a identificação do território castral no qual se increveriam os locais de Trahit e Montfort, mas também de um sistema de irrigação cujo desenho se enquadra perfeitamente aos assentamentos. Os pressupostos teóricos básicos propostos por Miquel Barceló, segundo o qual o canal principal constitui um limite, uma linha de rigidez que delimita o espaço irrigado e o qual não admite modificações, senão as que dentro dos limites do desenho não rompam com a sua estabilidade, podem ser uma vez mais confirmados²⁶.

Montfort e Trahit servir-se-ão de diferentes canais para as suas hortas. Ambos os canais nascem em Añón e passados Montfort e Trahit vão irrigar outras hortas.

3.3.1. Montfort e o Rio de Morana

A captação de Morana — corresponde o nome ao vale por onde descende o Rio Huecha — é a primeira captação de águas no rio. Actualmente as águas são captadas por um açude que serve ao mesmo tempo de suporte de uma pequena instalação hidroeléctrica, porém, a captação mais antiga encontra-se a aproximadamente a 1,5 km águas abaixo. Esta captação, que certamente é a construção mais antiga, é constituída por uma galeria de drenagem, construída sob o leito do rio, que recolhe as águas que descem infiltradas no leito do rio. Esta *presa* é análoga às descritas por Patrice Cressier e Maryelle Bertrand para o vale de Andarax em Almeria²⁷, que neste caso recebem o nome de *cimbra*. A galeria está construída obliquamente à direcção do rio, possui uma extensão de 33m aproximadamente com 4 bueiros. Não a temos documentada pelo qual não podemos

²⁵ A.H.N. Códice 995-B. fl. 84’.

²⁶ Barceló, M. 1989 – pp. 27.

²⁷ Bertrand, M. et Cressier, P. 1985 – pp. 122-124.

precisar a sua antiguidade, mas podemos assegurar que este é o princípio do sistema originário, tanto porque o açude actual rio acima vem a unir-se ao canal desta galeria de drenagem. A origem árabe das *cimbras*, vem reforçada pela possível difusão tecnológica iemenita, já sugerida por P. Cressier e M. Bertrand para o vale de Andarax²⁸. (Cimbra) Fig. II.

O Rio de Morana — ou rego de Morana — corre pela margem direita do Rio Huecha, seguindo a curva de nível e mantendo sempre um forte desnível com relação ao rio. A aproximadamente 1,5 km da galeria de drenagem o rego é incrementado por uma potente fonte — *fuelle del prado* — que aumenta o seu caudal. Antes de seguir para Alcalá, sempre regando os terrenos do fundo do vale, moveria as rodas de um moinho e as pás de um “*batán*”, que atualmente já não existem²⁹ e a um desnível de aproximadamente 50m com relação ao leito do rio, segue até Alcalá que se encontra a 766m de altitude. Em Alcalá o rego de Morana continua impassível por uma zona de montes e matagal a sua trajectória até Ambel, que se encontra a um altitude de 594m.

É justamente no ângulo em que o canal toma a direcção de Ambel que está a comporta do braço de canal que chega a Alcalá. O canal, que actualmente passa por entre as casas do lugar, serviria de limite entre zona de residência e a de cultivo, que chega às margens do Huecha. Actualmente e certamente a partir de quando se pôs em cultivo a parte de Cizadón, outros braços de canais de rega derivados do rego principal de Morana chegam à horta e depois de irrigar esta zona, somam-se ao caudal do primitivo braço que regaria uma área de aproximadamente 8,8 ha. (Fig.3).

3.3.2. Trahit e o Rio de las Cuevas

As águas que chegam ao lugar de Trahit procedem de umas cavidades situadas próximo ao leito do rio, mesmo abaixo do lugarejo de Añón. Estas águas descem pelo mesmo leito do rio e no limite dos termos municipais de Añón e Alcalá de Moncayo são desviadas por meio de um açude para o canal «de las cuevas». Este canal desce pela margem esquerda e também apresenta bastante desnível em relação ao leito do rio. Em frente de Alcalá de Moncayo passa por para o moinho³⁰ e daí segue para o moinho de Train. A horta com 1,6 ha associada ao moinho devia ser irrigada com um braço do rego principal, já que este anteriormente devia desviar-se logo depois do moinho de Train, girando para a

²⁸ idem, ...pp. 130-131.

²⁹ A data mais antiga que possuímos sobre estas duas fábricas é a de 1445 (A.M.B. 446-13).

³⁰ Este moinho não está documentado e denomina-se “Martinete” certamente aludindo aos martelos mecânicos que substituíram as rodas de pedra.

esquerda. É importante advertir que no percurso entre o açude e a horta do moinho este rego não é utilizado para regar, pertencendo desta forma até este tramo exclusivamente às hortas de Trahit. Actualmente com a construção da represa de Vera de Moncayo, depois do moinho as águas descem directamente pela horta para dirigir-se à dita represa.

Alcalá de Moncayo possui um terceiro rego denominado *filueta*³¹, que nasce num açude a escassos metros do de “*las cuevas*”. Seguindo uma trajectória similar à do primeiro, o rego de *filueta* numa cota mais baixa rega todos os terrenos da margem até o rio.

Desde meados do século passado quando a “Junta de los Regantes de Borja” adquiriu direitos sobre estas águas, foi construído um açude de cimento, ampliado o leito do rego e aumentado o seu traçado³². Este novo canal recebe o nome de “Valdecayos”. Apesar disso, a população de Alcalá segue utilizando o rego de *filueta* de forma tradicional, que inclui a construção de um açude rústico em cada primavera e sua desmontagem em cada inverno. Este rego aparece mencionado pela primeira vez na “*Carta puebla*”³³ e a montagem e desmontagem do açude ao longo dos séculos será motivo de duras discórdias entre os cistercienses e os hospitalários de Añón³⁴, pois que este se encontra no limite territorial entre estes dois lugares. (Fig.4).

3.3.3. Águas de Aljara

A existência de um documento de 1179, que trata dos dias de rega de Aljara³⁵, firmado entre os habitantes de Trasmóz por um lado e pelos habitantes de Vera e monges de Veruela por outro, sobre o reparto das águas, indica-nos a possibilidade de que Trahit beneficiasse desta água para irrigar as suas hortas. Para isto

³¹ Filueta, é uma variante da forma castelhana *hijuela* ou *filiola-fillola* anotada por Castañer Martin (pp. 17).

³² “*Proyecto para el aumento de aguas en la acequia de la fonnueva*” (...) “*Antes de que estas aguas desaparezcam en el mismo lecho del rio, tienen hecho los regantes de Alcalá un atajadizo de tierra y piedra a 242 metros de la presa de Vera con lo cual producen una derivacion por la margen izquierda del rio que les basta y sobra para sus necesidades. Si este atajadizo se convierte en un dique estable construido segun las buenas reglas del arte, se utilizaran las aguas torrenciales, las de la epoca del deshielo y las de otoño que es lo que se propone llevar a cabo la Junta de los regantes de Borja*” (...). (A.M.B. 440-000).

³³ “*Carta Puebla*”, nota 18.

³⁴ A primeira demanda está documentada no ano de 1240. A.H.N. Códice 995-B. fl. 87' e 88') A partir de aí e entre os séculos XIV-XVII são inúmeros e constantes os conflitos.

³⁵ Aljara é um complexo sistema de irrigação que rega uma zona entre Trasmós e Vera de Moncayo. (A.H.N. Códice 995-B. fl. 35 / A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3764, perg. 8.).

esta água devia descer pelo barranco — ou vale — de Morca e unir-se às águas das cavidades que descem pelo mesmo leito do Rio Huecha. Desta forma seria retida e conduzida pelo canal “de las cuevas”.

4. O ESPAÇO DO BOSQUE

Sem dúvida a parte alta do vale do Huecha esteve em tempos medievais coberta por um vasto e espesso bosque. O que desconhecemos, porém podemos imaginar, são as actividades complementares que devia permitir aos camponeses todo este bosque. A recollecção de frutos silvestres e a pecuária organizados nos moldes das comunidades camponesas permitiriam um importante enriquecimento na alimentação. A proximidade de importantes núcleos, como Borja e Tarazona, leva-nos a pensar na existência de actividades pecuárias que estivessem destinadas a estes mercados urbanos³⁶. Zaragoza, que se situa entre um dos mais importantes centros produtores de tecidos, poderia significar uma forte procura de lã³⁷.

A documentação verolense oferece-nos uma vez mais a face senhorial dos monges cistercienses quando estes, através dos inúmeros privilégios reais, recebem direitos de pasto e lenha em extensas áreas em torno de Moncayo. Através dos séculos são igualmente volumosos os litígios com os povoados vizinhos, sobretudo aqueles que possuíam maiores reservas como Ambel e Talamantes³⁸.

Seja como for, chegados os cistercienses, o bosque que devia então marginalizar os terrenos cultivados, segundo se depreende de algumas delimitações³⁹, começa a retrair-se para dar lugar a novas áreas de cultivo, e os camponeses paulatinamente perdem os seus direitos sobre ele.

Ao tornarem-se senhores absolutos de extensos territórios os monges cistercienses põem em marcha o processo de reorganização do espaço rural, que sem contar com um número significativo de colonos cristãos se realiza com a população andaluza. Desencadeia-se um processo cujo objectivo é agrupar a população andaluza que devia encontrar-se distribuída pelo vale, em pequenas

³⁶ A.H.N. Códice 995-B fl. 33'. O abade de Veruela dá a Martin de don Oro em uma troca, uma peça que foi de Aiça, el camicero de los albares; o documento não tem data.

³⁷ Barceçó, M. 1988 – pp. 213.

³⁸ O Arquivo Municipal de Borja guarda um sem fim de documentos que tratam das disputas sobre as áreas de pasto e lenha.

³⁹ A.H.N. Códice 995-B. fl. 21.

A.H.N. Códice 995-B. fl. 16 e 17'.

A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg. 4.

A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg. 9.

“alquerias” ou “almunias”. O exemplo de Alcalá de Moncayo é bastante elucidativo. A doação de uma “*carta puebla*” não é apenas sinal da falência do sistema de granjas mas sobretudo um recurso que visa controlar a produção através do estabelecimento de tributos a serem pagos pelos camponeses. O texto da “*carta puebla*” não deixa dúvidas quanto ao que cabe aos monges em todos os âmbitos da produção camponesa — cereal, animais, carvão, frutos —, ao mesmo tempo que exigir o pago dos dízimos e primícias em cereal, impõe uma intensificação do cultivo do trigo. Já advertiu anteriormente Miquel Barceló, que a exigência de rendas obriga a orientar os trabalhos para a criação de excedentes, e que estes excedentes devem ser pouco percíveis e intercambiáveis porque devem ser acumulados. O trigo assim como o vinho podem ser armazenados e portanto acumulados, e por isso enquanto dure o senhorio do mosteiro de Veruela serão por excelência os produtos exigidos⁴⁰. A necessidade de criar excedentes é imposta pelo modo de produção feudal, que contrapondo-se aos pequenos espaços irrigados conduzirá a uma multiplicação dos espaços cultivados que necessariamente signifiquem um aumento da produtividade.

Curiosamente para esta zona mais alta do vale do Huecha, a estrutura do dispositivo do sistema hidráulico permite uma ampliação de terrenos cultiváveis dentro do desenho primitivo, devido a que os canais de rega possuem um desnível considerável e porque servem para o transporte de água. Isto permite que o mosteiro de Veruela tenha um elemento a mais de controle sobre a população, o da água. Efectivamente será ele que repartirá como deseja a água entre as diferentes povoações sob o seu controle, da mesma forma que assume os litígios com os outros senhores sobre o reparto de águas.

Um detalhe que podemos observar, refere-se ao direito de água que não era homogêneo para todo o vale. Enquanto para a zona da depressão do Ebro, se vendia o direito ao seu uso — *açunmes e alfetma* /⁴¹ — na área que nos concerne, na parte alta do vale, este direito é adquirido juntamente à terra.

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer em primeiro lugar ao prof. Dr. Miquel Barceló pelo interesse com que acompanha os trabalhos. Também a Helena Kirchner, Carmen Navarro e Xavier Ballestín, colegas da universidade sempre dispostos a tirar-nos de apuros, e a J.J. Bienes Calvo que incansavelmente me acompanhou ao campo. Aos habitantes de Alcalá que com muita simpatia sempre podiam responder a uma pergunta... É finalmente ao CNPq — Brasília/Brasil, órgão financiador deste estudo.

⁴⁰ Barceló, M. 1988 – pp. 196-206.

⁴¹ As vendas são realizadas por quantidades de águas — *açunmes*() — que são repartidos por turnos — *alfetma*().

Siglas

A.H.N. = Archivo Historico Nacional (Madrid).

A.M.B. = Archivo Municipal de Borja (Borja).

REFERÊNCIAS

- ACIÉN ALMANSA, M. "Poblamiento y fortificación en el sur de Al-Andalus. La formación de um país de Ḥuṣūn" *III congreso de Arqueologia Española*. Tomo I. Oviedo, 1989.
- BARCELÓ, M. *et alli*. "La arqueologia extensiva y el estudio de la creación del espacio rural" e "Los límites de la información documental escrita" in: *Arqueologia Medieval. En las afueras del "medievalismo"*. Barcelona, Critica Ed., 1988.
- BARCELÓ, M. "El diseño de espacios irrigados en Al Andalus: un enunciados de pricipios generales" *I Coloquio de historia y medio fisico*. Inst. de Estudios Almeirenses, 1989.
- BAZZANA, A. *et* CRESIER, P. *et* GUICHARD, P. *Les Chateaux ruraux d'Al-Andalus. Histoire et Archéologie des Ḥuṣūn du sud-est de l'Espagne*. Madrid, Casa de Velázquez, 1988.
- BERTRAND, M. *et* CRESSIER, P. "Irrigation et aménagement du terroir dans la vallee de l'Andarax (AAImeria): Les reseaux anciens de Ragol" *Melanges de la Casa de Velazquez*. Tome XXI. Paris, 1985.
- CASTAÑER MARTIN, R. M. *Forma y estructura del lexico del riego en Aragón, Navarra y Rioja*. Zaragoza, Inst. Fernando El Catolico. s/ data.
- KIRCHNER, H *et* NAVARRO, C. "Objetivos, Metodos, y pratica de la Arqueologia Hidraulica" in: *Archeologia Medievale*. 1993. (em prensa).
- LEDESMA RUBIO, M.L. "Los mudéjares en Aragón" in: *Rev. Alcorces*, temas aragoneses, 3. Zaragoza, 1979.
- Templarios y Hospitalarios en el reino de Aragón*. Colección basica aragonesa, 37. Zaragoza, Guara Ed, s/ data.
- Cartas de población del Reino de Aragón en los siglos medievales*. Zaragoza, Inst. Fernando, El Catolico/C.S.I.C., 1991.
- LIAUZU, G. "La condition des musulmans dans l'Aragon chretien aux XI^e et XII^e siècles" in: *Hespèris-Tamuda*, 2, 1968 – pp. 200).
- MATEU BELLÉS, J. "Assusts i vores fluvials regades al País Valencià medieval" in: *Los paisajes del agua*, Libro Jubilar dedicado al professor Antonio López Gómez. Valencia/Alicante, 1989.
- VIGUERA, M. J. *Aragón Musulmán*. Zaragoza, Mira Ed., 1988 – pp. 21.

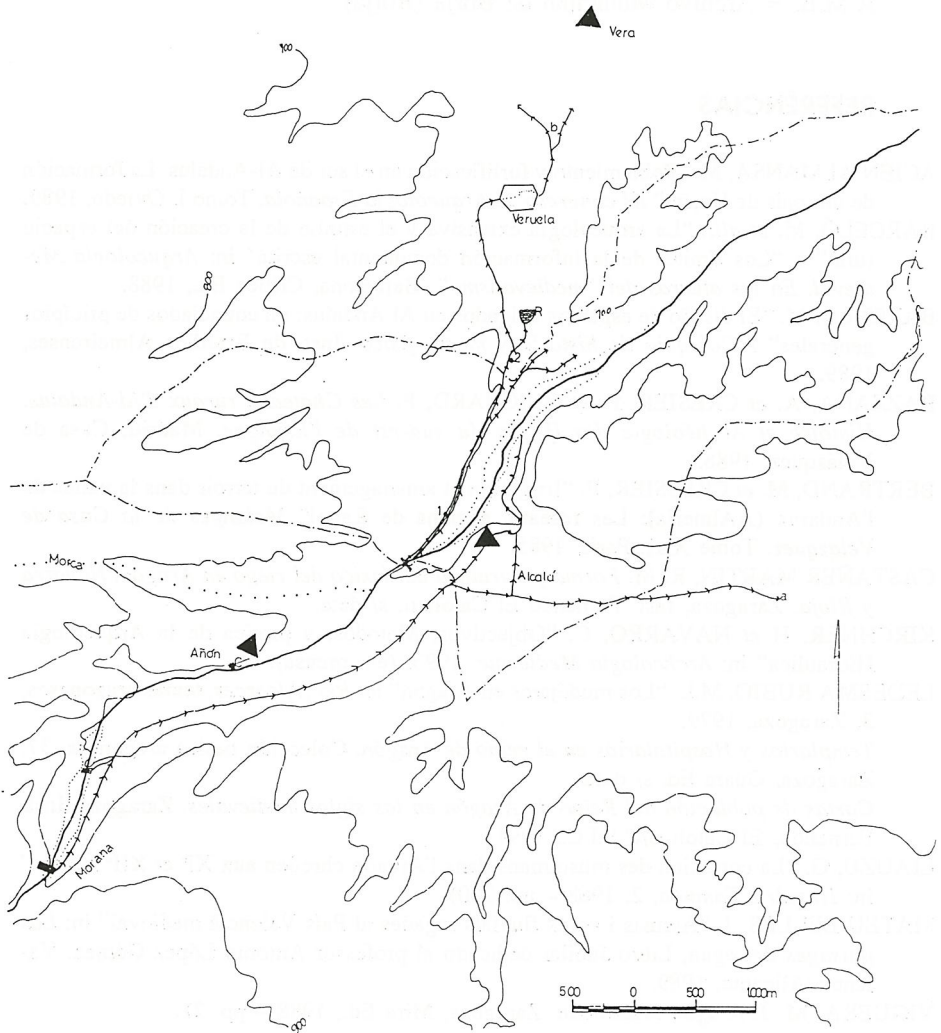


Fig. 1 — Mapa geral do Alto Vale de Huecha (Aragão). 1) Moinho de “Martinete”;
2) Moinho de Trahit. a) Rego de Morana, b) Rego de “Las cuevas”,
c) Fonte de “las cuevas”, R) Represa de Vera.



Fig. 2 — Plano de Alcalá de Moncayo (“Cadastral de Rustica de la Diputación General de Aragón”).

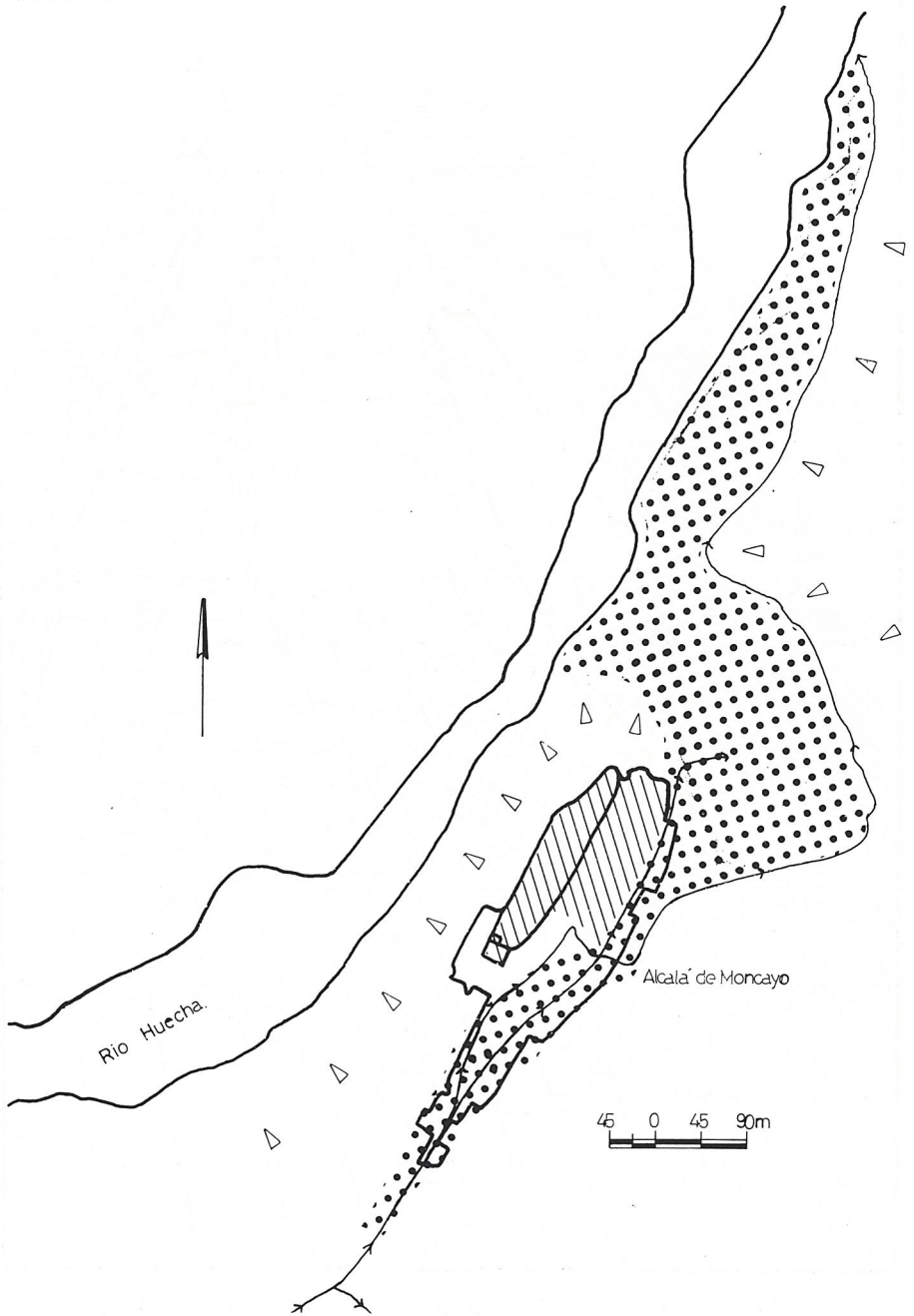


Fig. 3 — Perímetro irrigado de Alcala de Moncayo.

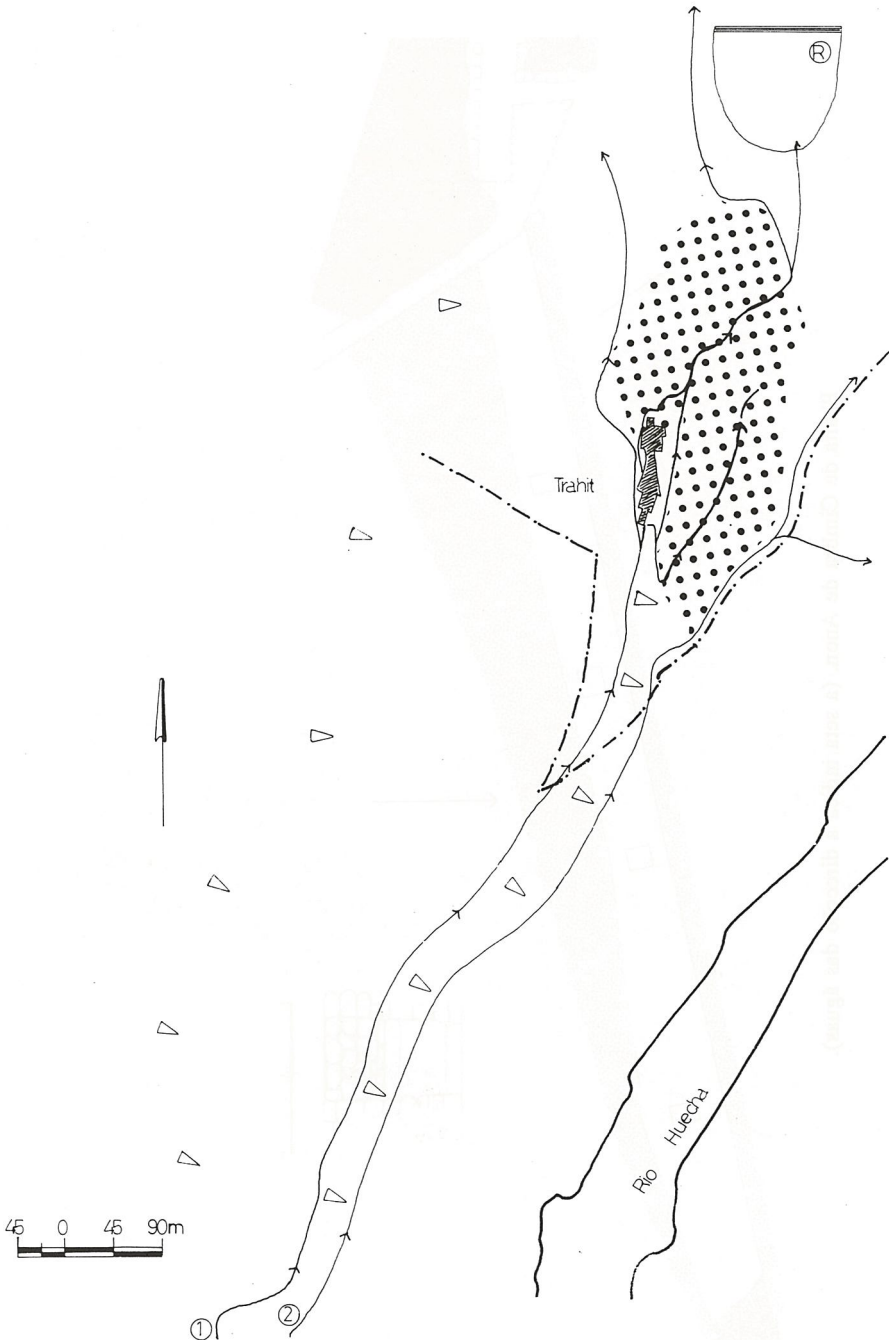
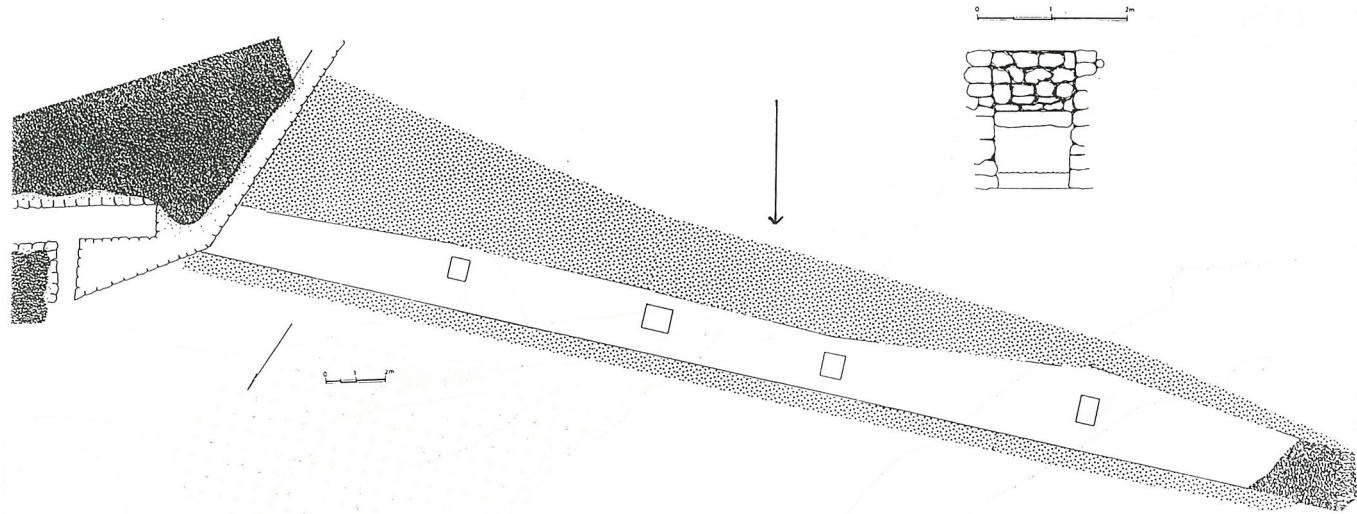
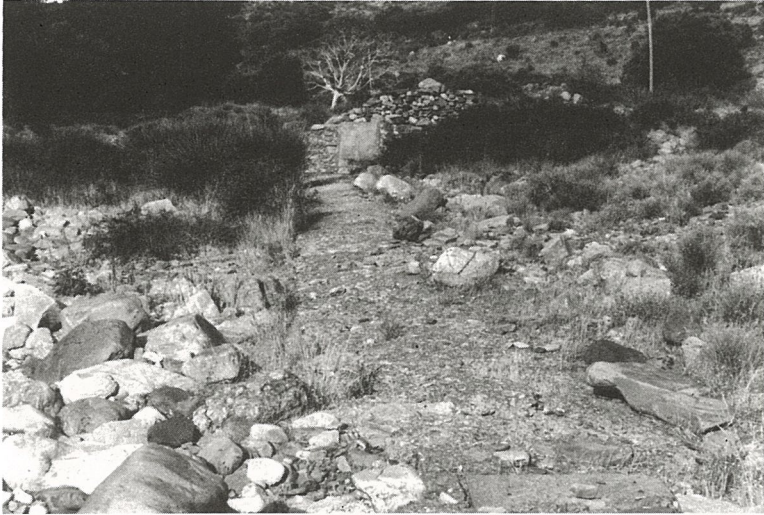


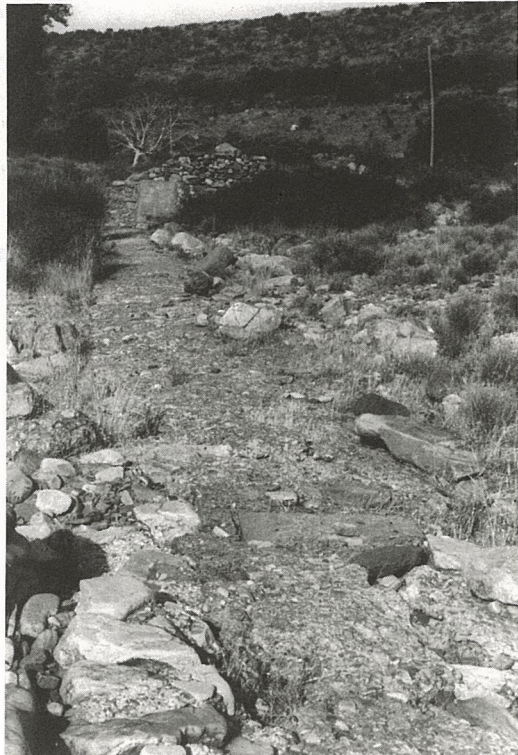
Fig. 4 — Perímetro irrigado de Trahit. 1) Rego de “las cuevas”; 2) Rego de “filuela”.



Planta de Cimbra de Anon. (a seta indica a direcção das águas).



Cimbra de Anon.



Est. VII



Vista de Alcalá de Moncayo.